

TRANSFORMAR A REALIDADE: NÓS PODEMOS!

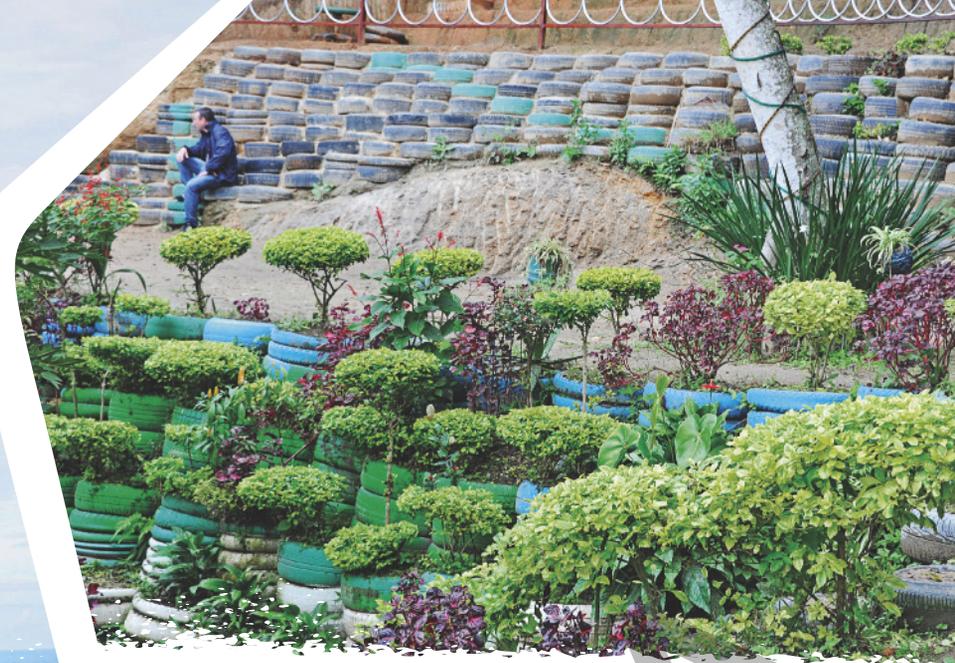
FOTOS: MARCELO TASSO/AFP
LÉNA TRINDADE/BRAZIL PHOTOS/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES
FELIPE DANAN/AP/IGLOW IMAGES

Paisagem bonita, não é? Você imaginaria que antes, nesse local, existia um lixão? Tudo começou com Mauro Quintanilha, morador da comunidade do Vidigal, na cidade do Rio de Janeiro, onde o parque se localiza. Para chegar em casa, ele tinha de passar pela paisagem degradante e pelo mau cheiro do lixão que lá existia.

Um dia, há cerca de 15 anos, ele começou a limpar a área com a ajuda de um amigo, também morador do

Vidigal. Para evitar que mais lixo voltasse a ser jogado na área, os dois plantaram mudas e cultivaram uma horta cujos produtos eram destinados à comunidade.

Aos poucos, mais moradores foram se envolvendo no projeto comunitário que deu origem ao parque, onde, atualmente, são realizadas atividades educativas e artísticas, agricultura urbana e ações de reflorestamento e de sustentabilidade.



- Você conhece alguém que tomou uma iniciativa para melhorar a realidade do lugar onde vive? Se conhecer, conte o caso para a turma.
- Você se sente participante da comunidade escolar da qual faz parte? Explique.
- Que aspecto do lugar onde você mora lhe traz algum incômodo? E do lugar onde você estuda? O que você pode fazer para alterar isso?

Parque Ecológico Sitiê, no Rio de Janeiro (RJ), 2015. O parque constitui espaço de lazer para os moradores do Vidigal e atrai muitos turistas.

O QUÊ?

Neste projeto, você e seus colegas vão produzir uma mídia alternativa, o **fanzine**, para retratar o entorno da escola onde estudam e as formas de expressão dos jovens desse local. Como opção, vocês podem produzir um **e-zine**, a versão digital do fanzine!

De modo crítico e criativo, vão mostrar o que o lugar tem de legal, mas também o que não é bom e afeta de forma negativa o cotidiano das pessoas. Além disso, com os integrantes da comunidade, vocês vão propor soluções para os problemas identificados, estreitando relações com o espaço ao redor da escola e contribuindo para sua transformação e para sua valorização.

PARA QUÊ?

- Reconhecer as formas de expressão juvenis presentes na comunidade ao redor da escola e dar visibilidade a elas.
- Identificar e registrar aspectos positivos e negativos percebidos na localidade.
- Refletir sobre as causas dos problemas existentes na comunidade e suas consequências.
- Engajar-se como precursor de ações em benefício coletivo, buscando sugestões e propondo ações viáveis para a solução dos problemas na comunidade ao redor da escola.

Dados retirados de:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

Ilustração representando diferentes jovens. Segundo o IBGE, em 2017, viviam no Brasil 48,5 milhões de pessoas entre 15 e 29 anos. São os jovens brasileiros! Mas o que significa exatamente ser jovem? Essa é uma boa questão para começar este projeto.

ANDRÉ BDOIS



POR QUÊ?

Como você leu na abertura deste projeto, a área onde existia um lixão, na comunidade do Vidigal, foi transformada em um bonito parque graças à iniciativa de um morador da comunidade que se incomodava com a degradação do local. Esse exemplo demonstra que uma ação individual pode promover a participação ativa e efetiva da comunidade.

Ações transformadoras com origem em iniciativas individuais ganham cada vez mais espaço na sociedade e na mídia. Colocar-se como sujeito central da prática transformadora, comprometido solidária e socialmente, não é uma ação exclusiva de adultos. As crianças e os jovens também podem, e devem, exercer papel protagonista na vida em sociedade, contribuindo para a coletividade em que estão inseridos.

Mas o que é exercer papel protagonista? O termo *protagonista* tem origem grega: *prótos* significa “primeiro, principal” e *agonistes*, “aquele que luta ou age”. Ou seja, o protagonista é aquele que exerce uma ação de destaque. Assim, exercer papel protagonista na sociedade significa realizar alguma tarefa ou trabalho muito importante para a coletividade, por exemplo solucionando um problema, como fez Mauro Quintanilha na comunidade do Vidigal. O protagonismo de pessoas como Mauro, muitas vezes, é consequência da ausência ou omissão do poder público. Quando uma ação transformadora, individual ou coletiva causa impactos positivos em uma sociedade, pode contribuir para a garantia de direitos.

Quando nos tornamos protagonistas? Ao percebermos os problemas à nossa volta e tomarmos a iniciativa de resolvê-los. E não precisamos esperar a fase adulta da vida para isso. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, quase 8 milhões de jovens estavam matriculados no Ensino Médio, assim como você. Imagine como a realidade do país pode ser melhorada se essas pessoas resolverem assumir uma posição protagonista no local onde vivem.

Você e seus amigos podem ser jovens protagonistas! Vamos lá?!

COM O QUÊ?

Anote aí do que você vai precisar:

- computador ou *tablet* com acesso à internet;
- *smartphone* ou câmera fotográfica ou filmadora;
- *software* gratuito para edição de texto e de imagens;
- impressora multifuncional ou fotocopadora;
- folhas de papel sulfite ou papel-cartão;
- cola, régua, tesoura e grampeador;
- lápis, lápis de cor, canetas e canetinhas hidrocor.

COMO?

Ao longo das etapas, você e seus colegas vão estudar alguns assuntos que fornecerão importantes subsídios para realizar este projeto. Além disso, vão coletar, organizar e avaliar informações e sugestões para que possam apresentar propostas viáveis de solução a algum problema da comunidade no entorno da escola, contemplando as diferentes formas de expressão juvenis existentes nesse lugar. Tudo será utilizado para a publicação do fanzine da turma. Veja, a seguir, um resumo do que vai acontecer em cada uma das etapas.

Etapa 1

Antes de estudar as possibilidades de protagonismo na comunidade da qual fazem parte, vocês vão refletir sobre o conceito de juventude e conhecer alguns exemplos de movimentos impulsionados por jovens na história recente. Para fechamento desta etapa, vocês levantarão informações sobre os jovens da comunidade.

Etapa 2

Depois de pensar sobre os jovens do lugar, vamos refletir sobre esse lugar, adotando como referência o bairro. Mas o que é um bairro exatamente?

Nesta etapa, vocês vão estudar o bairro como lugar de pertencimento e de identificação caracterizado por uma combinação única de formas geográficas que expressam as relações sociais nele estabelecidas. Vocês também vão saber como os moradores reconhecem e representam esse lugar, explorando o bairro e utilizando metodologias de pesquisa para levantar informações sobre ele, caracterizando-o e fazendo uma leitura de sua realidade. Também vão identificar a percepção dos moradores sobre o que é positivo e o que é negativo no bairro. Vocês, ainda, vão levantar as ideias e as sugestões dos moradores para solucionar os problemas do bairro ou minimizá-los.

Etapa 3

É o momento de investigar o significado de protagonismo juvenil. Serão abordados alguns exemplos de protagonismo exercido por jovens na comunidade em que vivem. Isso ajudará a compreender a diferença entre as noções de comunicação de massa e comunicação comunitária. Vocês vão perceber como é possível, por meio de ações individuais ou coletivas, exercer representatividade e transformar a realidade.

Ainda nesta etapa, você e seus colegas analisarão as informações coletadas na etapa anterior e voltarão a campo em busca de sugestões e ampliação de registros. É o momento de analisar de forma mais apurada a percepção de outras pessoas da comunidade e de juntar ao material obtido as percepções do grupo.

Etapa 4

Nesta etapa, vocês refletirão sobre as mídias alternativas e conhecerão o fanzine, compreendendo-o como expressão artística e instrumento de visibilidade social, capaz de apresentar novas perspectivas sobre um local ou assunto e criar um contraponto às narrativas dominantes. Além disso, vão avaliar propostas para solucionar problemas no bairro da escola, estabelecendo critérios sobre a viabilidade de execução.

Além dessas etapas, haverá um momento de retomada do conhecimento antes da produção do fanzine, meio pelo qual vocês vão representar a comunidade, incluindo as diferentes formas de expressão juvenil que nela existem, e propor soluções para uma questão local importante.

Bom trabalho!

Competências gerais da Educação Básica

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

Competências específicas e habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.

(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

6. Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

(EM13CHS606) Analisar as características socioeconômicas da sociedade brasileira – com base na análise de documentos (dados, tabelas, mapas etc.) de diferentes fontes – e propor medidas para enfrentar os problemas identificados e construir uma sociedade mais próspera, justa e inclusiva, que valorize o protagonismo de seus cidadãos e promova o autoconhecimento, a autoestima, a autoconfiança e a empatia.

Competências específicas e habilidades de Língua e suas Tecnologias

1. Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo.

(EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias, ampliando suas possibilidades de explicação, interpretação e intervenção crítica da/na realidade.

(EM13LGG104) Utilizar as diferentes linguagens, levando em conta seus funcionamentos, para a compreensão e produção de textos e discursos em diversos campos de atuação social.

3. Utilizar diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais) para exercer, com autonomia e colaboração, protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva, de forma crítica, criativa, ética e solidária, defendendo pontos de vista que respeitem o outro e promovam os Direitos Humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável, em âmbito local, regional e global.

(EM13LGG301) Participar de processos de produção individual e colaborativa em diferentes linguagens (artísticas, corporais e verbais), levando em conta suas formas e seus funcionamentos, para produzir sentidos em diferentes contextos.

6. Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

(EM13LGG601) Apropriar-se do patrimônio artístico de diferentes tempos e lugares, compreendendo a sua diversidade, bem como os processos de legitimação das manifestações artísticas na sociedade, desenvolvendo visão crítica e histórica.

(EM13LGG602) Fruir e apreciar esteticamente diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, assim como delas participar, de modo a aguçar continuamente a sensibilidade, a imaginação e a criatividade.

(EM13LGG603) Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas intersecções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas.

(EM13LGG604) Relacionar as práticas artísticas às diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica e identificar o processo de construção histórica dessas práticas.

Habilidades de Língua Portuguesa

(EM13LP21) Produzir, de forma colaborativa, e socializar *playlists* comentadas de preferências culturais e de entretenimento, revistas culturais, fanzines, *e-zines* ou publicações afins que divulguem, comentem e avaliem músicas, *games*, séries, filmes, quadrinhos, livros, peças, exposições, espetáculos de dança etc., de forma a compartilhar gostos, identificar afinidades, fomentar comunidades etc.

(EM13LP24) Analisar formas não institucionalizadas de participação social, sobretudo as vinculadas a manifestações artísticas, produções culturais, intervenções urbanas e formas de expressão típica das culturas juvenis que pretendam expor uma problemática ou promover uma reflexão/ação, posicionando-se em relação a essas produções e manifestações.

JUVENTUDE OU JUVENTUDES?

Mas, afinal, o que é ser jovem? Por que a ideia de juventude frequentemente é relacionada a rebeldia? Na segunda metade do século XX, após a Segunda Guerra Mundial, vários movimentos romperam padrões e impulsionaram novos comportamentos e formas de expressão artística e culturais. Esses movimentos foram essenciais para que as especificidades da juventude se tornassem objeto de interesse de muitos estudiosos.

Nesta etapa, você vai

- Refletir sobre o conceito de juventude e sua relação com a adolescência.
- Conhecer alguns movimentos de protagonismo juvenil da história recente.
- Verificar como a juventude é entendida pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.
- Identificar as formas de expressão da juventude na escola em que estuda.

O que é ser jovem?

“Você não é mais criança!” Essa frase lhe soa familiar? Em algum momento de nossa vida, as pessoas ao nosso redor passam a demonstrar de diferentes modos que não somos mais crianças e devemos ter mais responsabilidades. Estranhamente, essas mesmas pessoas insistem em nos dizer o que é “certo” e “errado”. Sentimos que estamos no meio do caminho, entre uma fase de mimos e proteção e outra cheia de responsabilidades e desafios para os quais temos de estar preparados.

Além disso, nosso corpo está mudando. Estamos na puberdade, ou seja, a fase em que desenvolvemos nossa capacidade reprodutiva. Isso quer dizer que em pouco tempo estaremos prontos (pelo menos do ponto de vista biológico) para ser mães ou pais e dar continuidade à existência de nossa espécie. Assustador, não?

Não bastassem as alterações no corpo, ainda sentimos algumas mudanças emocionais. Nosso modo de pensar e de agir começa a se transformar e passamos a desejar mais autonomia para tomar decisões. Às vezes, nesse processo, ficamos frustrados quando não temos a liberdade que gostaríamos de ter. Daí vêm os intermináveis conflitos com pais, familiares, professores e todos aqueles que, definitivamente, “não nos entendem”. “É a *aborrecência!*”, alguns dizem.

Ilustração representando jovens com diferentes gostos e estilos.



Mas ser jovem é o mesmo que ser adolescente? Mais ou menos... Não há definições universalmente aceitas para a adolescência e a juventude. A ideia sobre esses termos varia de acordo com a época e as diferentes sociedades.

De modo geral, entende-se a adolescência como uma fase de amadurecimento das emoções e desenvolvimento da identidade. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece a adolescência como a fase que se estende dos 12 aos 18 anos. Contudo, a ideia de juventude pode ser mais ampla do que a abordagem etária, podendo ser associada a critérios socioculturais. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco),

“Do ponto de vista demográfico, os jovens são, principalmente, um grupo populacional que corresponde a uma determinada faixa etária que varia segundo contextos particulares, mas que, geralmente, está localizada entre os 15 e os 24 anos de idade. No caso de áreas rurais ou de pobreza extrema, o limite se desloca para baixo e inclui o grupo de 10 a 14 anos; em estratos sociais médios e altos urbanizados se amplia para cima para incluir o grupo de 25 a 29 anos. Segundo diversas circunstâncias particulares, identifica-se, como jovens, um conjunto de pessoas de idades variáveis que não pode ser tratado com começo e fim rígidos”.

UNESCO. *Políticas públicas de/para/com as juventudes*. Brasília: Unesco, 2004. p. 25.

Mesmo sem marcadores exatos, a ideia da juventude no mundo ocidental é diretamente relacionada à beleza, ao vigor físico e à capacidade de inovar, entre outros atributos. Talvez, por isso, muitas pessoas, de todas as idades, queiram parecer jovens. É também associada a um comportamento relacionado à maior predisposição ao questionamento e à transgressão, que costuma ser utilizado para justificar os conflitos entre jovens e adultos. Mas devemos refletir sobre o fato de que os adultos também são obrigados a lidar com os processos de mudança dos jovens de sua convivência, e nem sempre estão preparados para isso.

Apesar dessas semelhanças entre os jovens, a juventude não é uma fase da vida (seja qual for) ou uma forma de comportamento única. Ao trilhar o caminho de novidades físicas, emocionais e cognitivas que se refletem na relação consigo e com outros indivíduos, cada jovem passa por experiências particulares. Nesse processo complexo da busca da definição de quem somos (ou em quem estamos nos tornando), do que queremos e do que gostamos, acabamos nos aproximando de grupos que se expressam de formas com as quais nos identificamos. Nesse contexto,

“Através dos elementos identitários concretizados em acessórios e músicas, as tribos juvenis criam um arcabouço cultural para que determinadas vivências e valores sejam compartilhados de uma maneira significativa para esses jovens. Uma vez integrado a uma tribo específica, o indivíduo passa a se apropriar de determinados comportamentos, vestuário e acessórios que o identificam como um membro da tribo”.

NETO, Oswaldo Mammana. Representações de tribos juvenis no espaço urbano: primeiras reflexões. *Revista Cordis*, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/10314/7699>>. Acesso em: 9 dez. 2019.



Movimentos para pensar

No decorrer da história, muitos pensadores refletiram acerca da juventude de diferentes perspectivas. Até a primeira metade do século XX, as linhas de estudo podiam ser divididas em duas principais tendências teóricas: a geracional e a classista. Resumidamente, de acordo com a primeira, conceituava-se a juventude como uma fase da vida, tendo como determinante características biológicas. Em oposição a essa proposição, a segunda defendia a tese de que a condição social do indivíduo seria determinante para sua experiência; por isso, a juventude não poderia ser estudada como condição uniforme.

Foi a partir da década de 1950, quando jovens organizaram vários movimentos e conquistaram espaço contestando valores dominantes do meio em que viviam, que a juventude se tornou importante objeto de estudo. Vamos voltar um pouquinho no tempo para entender melhor esses movimentos.

Jovens contestadores

Ao final da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os Estados Unidos se destacaram como grande potência capitalista. No contexto da Guerra Fria, em oposição ao governo soviético, que pregava a igualdade garantida por um Estado que assegurava moradia, saúde, trabalho e educação para todos, o governo estadunidense propagandeava o *American way of life*, um modo de vida baseado no conforto material proporcionado pelo consumo que só seria possível em um Estado liberal, no qual as pessoas prosperassem por meio do trabalho. O conforto prometido, entretanto, não fazia parte da realidade de toda a população estadunidense.

A propaganda era uma das formas de confronto indireto entre Estados Unidos e União Soviética, que disputavam a hegemonia política e econômica do mundo. Outra forma de disputa se concretizava na área de ciência e tecnologia, por meio dos programas espaciais e da produção industrial bélica, mantendo o planeta sob a ameaça constante de um possível conflito nuclear entre as duas grandes potências.

Nesse contexto, em meio à tensão do mundo polarizado, jovens estadunidenses começaram a questionar alguns padrões comportamentais. No final da década de 1940, um grupo de jovens pregava um modo de vida despreocupado com a moda e com quaisquer padrões de consumo. Denominados *hipsters*, eles curtiam *jazz* e eram influenciados pela filosofia existencialista (leia o texto do box na próxima página).

Nas décadas de 1950 e 1960, juntaram-se aos *hipsters* jovens intelectuais e artistas preocupados em questionar a ordem vigente, rompendo com valores morais e padrões estéticos por meio de escritos e músicas que abordavam temas considerados tabus, como sexo, drogas e alienação política. Esses intelectuais e artistas compunham a chamada geração *beat*.

Em meados da década de 1950, na confluência de todos os movimentos que rompiam com os padrões instituídos, surgiu o *rock and roll*, gênero musical dançante formado com base no *blues* e no *country*.



Jovens dançam *rock and roll* em Londres, Reino Unido. Foto de 1959. As performances dançantes ao som do *rock* provocavam escândalo nos setores tradicionais das sociedades capitalistas da década de 1950.

Filosofia existencialista

Filosofia existencialista foi uma corrente iniciada no século XIX por pensadores que questionavam o excessivo racionalismo da tradição filosófica. Segundo os existencialistas, o ser humano é livre para constituir-se e responsável pelo que se torna. Entre os expoentes do pensamento existencialista estão Søren Kierkegaard (1813-1855), Martin Heidegger (1889-1976) e Jean-Paul Sartre (1905-1980). A filosofia existencialista de Sartre exerceu muita influência nos movimentos contestatórios juvenis formados logo após a Segunda Guerra Mundial.

Todos esses movimentos foram fundamentais para a consolidação do que ficou conhecido como **contracultura**. Na década de 1960, um dos movimentos juvenis importantes da contracultura foi o *hippie*. Usando roupas coloridas e negando os padrões da moda, os *hippies* defendiam o amor livre e um modo de vida simples, sem consumo e conectado com a natureza. Apesar de não ser considerado político, esse movimento pacifista teve muito destaque nas contestações à Guerra do Vietnã (1955-1975), ficando famoso pela expressão “Faça amor, não faça guerra”.

Na década seguinte, iniciava-se também nos Estados Unidos o movimento *punk*, formado essencialmente por jovens que não viam nas ações do governo possibilidade de futuro e, por isso, defendiam a negação de qualquer autoridade e o **anarquismo** como sistema político ideal. No geral, os *punks* usavam roupas escuras (às vezes, rasgadas) e acessórios metálicos. Além disso, expressavam-se por meio de um estilo musical caracterizado por fortes batidas e letras cantadas de forma bastante acelerada. O movimento repercutiu rapidamente no Reino Unido, antes de se espalhar por outros países, tendo mais representatividade no Brasil a partir da década de 1980.

Apesar de apresentarem algumas características originais próprias, esses movimentos e manifestações passaram a incorporar elementos de realidade local à medida que ampliaram sua área de abrangência.

Pensando a juventude

Nesse contexto de grande efervescência juvenil, durante a Guerra Fria, os estudos sobre a juventude no mundo ocidental ganharam fôlego.

“Interessados em analisar o conceito de cultura jovem como novidade do pós-guerra na Europa e particularmente na Grã-Bretanha, os pesquisadores do *Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS)* da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, através de sua mais importante obra, a famosa coletânea de textos intitulada: *Resistance Through Rituals: youth subcultures in post-war Britain* [Resistência por meio de rituais: subculturas juvenis na Grã-Bretanha no pós-guerra] (1993 [1976]), apontaram uma série de mudanças, levantadas por um debate mais amplo, além da escola e da expansão da educação, como responsáveis pela visibilidade alcançada pela categoria juventude após os anos 1950. Estes autores destacam como um dos primeiros fatores o aumento do mercado e do consumo no pós-guerra que propiciou o crescimento da indústria de lazer voltada para a juventude. Tal evento teria criado as condições para o desenvolvimento daquele que consideram o segundo fator responsável pelo destaque da juventude: ‘a emergência dos meios de comunicação de massa, dos entretenimentos de massa, da arte de massa e da cultura de massa.’”

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas ciências sociais. *Ponto Urbe*, n. 1, 2007. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1203>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

Hippie segurando placa contra a Guerra do Vietnã em Londres, no Reino Unido. Foto de 1969. Por meio da cobertura feita pela mídia, o movimento *hippie* contra a guerra extrapolou as fronteiras dos Estados Unidos.

OUTRAS FONTES

- **O punk morreu?** (parte 1). Direção: Marian Knup, Darius Bizarres e Die God. Produção: Brasil, 2008. Duração: 10 min. Nessa produção, aborda-se a visão das pessoas sobre o movimento *punk*.

Anarquismo: ideologia política baseada na organização voluntária, sem a presença de autoridade, afirmando que o Estado e a propriedade privada restringem as chances de emancipação humana.



HARRY DEMPSTER/DAILY EXPRESS/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES

O referido texto intitulou o livro: MARGULIS, Mario (ed.). *La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventude*. Buenos Aires: Biblos, 2008.

Entrevista concedida a Anne-Marie Métaillé, publicada no *Les jeunes et le premier emploi*, Paris, Association de Ages, 1978. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 112-121.

No ano de 1978, durante uma entrevista, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) afirmou que “a juventude é apenas uma palavra”, pois “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”. Assim, segundo ele, o termo juventude não tem sentido isoladamente, sendo determinado em contraste à noção do que se entende pela condição de velho (adulto) em um contexto cultural específico. Dezoito anos depois, os sociólogos argentinos Mario Margulis e Marcelo Urresti publicaram um texto intitulado *A juventude é mais que uma palavra*, referindo-se à afirmação de Bourdieu. Segundo os argentinos, o francês considera a juventude “mero signo”, uma “construção cultural desgarrada de outras construções”.

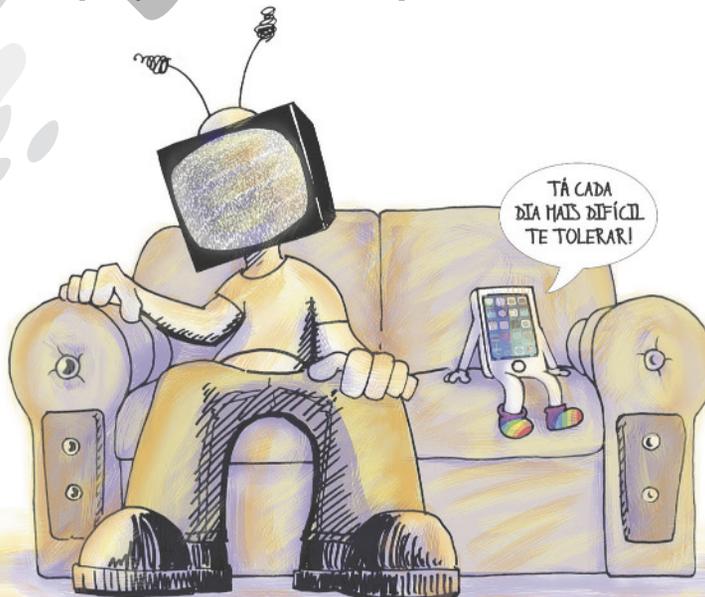
Atualmente, a juventude é entendida como algo social e culturalmente construído, porque a forma como os indivíduos vivem essa etapa de transição da infância para a vida adulta – ou seja, a preparação para a inserção nas diversas dimensões da vida social de forma autônoma, exercendo plenamente os direitos e deveres de cidadãos – depende do meio onde vivem. As diferenças sociais e culturais são determinantes para a forma como as pessoas vivem essa etapa da vida. Ser jovem no meio urbano é diferente de ser no meio rural ou em comunidades tradicionais, como as ribeirinhas e as quilombolas. Assim, entende-se que cada sociedade atribui valores, significados e papéis sociais aos seus jovens. Por isso, não se pode tratar de “uma juventude”, mas de “juventudes” e suas formas de expressão, que se relacionam diretamente à experiência cotidiana. Qual é sua forma de viver e expressar a juventude?

EXPLORE

Registre no caderno.

1. Existem fatores comuns a todos os jovens? Com base nesses fatores, é possível conceituar juventude de forma única? Justifique.
2. Leia o trecho do texto da Unesco sobre juventude reproduzido na página 47 e reflita sobre a questão: por que a juventude no meio rural corresponde a um período de vida menor que a do meio urbano?
3. Retome o texto das páginas 48 e 49 e faça o que se pede.
 - a) Identifique as principais características políticas do período no qual ocorreram os movimentos juvenis mencionados no texto.
 - b) Selecione dois movimentos juvenis citados e identifique os elementos agregadores de cada um deles.
4. Analise a imagem a seguir e responda às questões.
 - a) Em sua opinião, qual é a crítica expressa na charge? Justifique.
 - b) Retome o texto da página 49 e responda: a relação entre meios de comunicação e juventude expressa pela imagem é a mesma defendida pelos pesquisadores britânicos do *Centre for Contemporary Cultural Studies*? Por quê?

Juventude,
charge de
Claudio Furton,
2016.



CLAUDIO FURTON

2016

Agora é hora de conhecer a juventude do lugar onde você vive! Você e seus colegas levantarão informações importantes para a compreensão das afinidades entre os jovens dos diferentes grupos da comunidade da qual fazem parte. Para isso, sigam os procedimentos listados abaixo.

1. Na primeira metade de uma aula, listem os grupos de jovens que vocês reconhecem nos locais da comunidade que frequentam. Antes de elaborar a lista, solicitem a alguém que se voluntarie para ser o mediador da conversa, garantindo que todos se manifestem de maneira organizada. Conversem sobre as seguintes questões:

- É possível indicar com clareza diferentes grupos de jovens na escola e em outros locais da comunidade?
- Como um grupo pode ser reconhecido? Que critérios vocês utilizariam para identificá-lo?
- É possível identificar um jovem como pertencente a um grupo sem conhecer a opinião dele sobre isso? Quem define se alguém faz ou não parte de um grupo?
- O que pode motivar um jovem a querer integrar um grupo?

Outras questões podem ser formuladas para enriquecer a conversa. Entretanto, é preciso ficar claro que pertencer a um grupo é uma opção individual.

Guardem as informações levantadas, pois serão retomadas na atividade final deste projeto: a elaboração do fanzine.

2. Montem um quadro na lousa para completar de forma sintética as informações sobre os grupos elencados na etapa anterior. A ideia é verificar a percepção que os jovens têm de si mesmos e do modo como se organizam socialmente de acordo com suas afinidades.

Na primeira coluna, escrevam o nome dos grupos identificados pela turma ou, se preferirem, selecionem alguns. Na linha superior, definam critérios que podem ser usados para definir esses grupos (algumas possibilidades são: modo de se vestir, pessoas de referência, hábitos de consumo, maneiras de se expressar e locais de encontro). Vejam o modelo.

	Modo de se vestir	Pessoas de referência	Hábitos de consumo	Maneiras de se expressar	Locais de encontro
Denominação do grupo					
Denominação do grupo					
Denominação do grupo					



Em seguida, preencham os quadros com as características dos grupos, sempre com respeito às diferenças.

Para os dois procedimentos é importante respeitar a fala do colega, ouvindo-o com atenção para que a conversa seja organizada, produtiva e respeitosa. A participação de todos é muito importante, pois esse é um exercício de valorização da diversidade e de descoberta do potencial criativo da turma.

O conhecimento sobre o comportamento dos colegas será valioso na elaboração final do projeto. Por isso, copiem o quadro ou fotografem a lousa para retomar as suas descobertas quando forem expressar ideias nas páginas do fanzine!

SOU DAQUI: O BAIRRO E SUA REPRESENTAÇÃO

Depois de obter informações sobre os jovens da comunidade na qual a escola está inserida, você e seus colegas vão investigar esse lugar: o que tem de legal e o que precisa ser melhorado, considerando a opinião das pessoas que vivem no bairro. No final, provavelmente, vocês o compreenderão como espaço de relações sociais que incluem solidariedade e cooperação, mas também tensões e conflitos.

Nesta etapa, você vai

- Estudar os significados de bairro.
- Refletir sobre as interações sociais que ocorrem no bairro da escola.
- Caracterizar o bairro da escola e verificar como ele é percebido por quem compartilha seu espaço.
- Desenvolver procedimentos de pesquisa, elaborar roteiro de entrevista, levantar e organizar informações.

O que é o bairro, afinal?

Como você já deve ter estudado, o bairro é um espaço de convívio inserido em um recorte espacial maior, o município. Um bairro pode ser rural ou urbano.

No Brasil, os primeiros estudos geográficos e sociológicos sobre o assunto abordavam os bairros rurais. Em 1946, um dos primeiros trabalhos científicos sobre o tema foi feito pela geógrafa Nice Lecocq-Müller. Para ela, o bairro rural era uma comunidade social formada por ocupantes de uma área de modo disperso, na qual a distância das habitações era próxima o suficiente para estabelecer “laços de parentesco ou vizinhança, reforçados frequentemente pela existência de uma venda, capela ou escola cujo raio de ação marca comumente os limites do bairro”.

No livro intitulado *Os parceiros do Rio Bonito*, publicado em 1964, o sociólogo e crítico literário Antonio Candido, ao refletir sobre o interior do estado de São Paulo, define o bairro rural como “agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas”.

Fonte da citação: LECOCC-MÜLLER, N. Tipos de sítio em algumas regiões do estado de São Paulo. 1946. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1946.

Fonte da citação: SOUZA, Antonio Candido Mello e. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: José Olympio, 1964. p. 44.



Retiro, bairro que integra o município de Virgínia (MG). Foto de 2019.



Plataforma, bairro que integra o município de Salvador (BA). Foto de 2019.

As definições de bairro rural de acordo com esses autores têm em comum a ideia de se tratar de um espaço onde ocorrem relações interpessoais, das quais resultam uma identidade particular. Essa identidade confere aos moradores sentimentos de coesão social e pertencimento, que são reconhecidos também por pessoas que não moram no bairro.

No que se refere aos limites espaciais do bairro, não há um traçado claro, institucionalizado, que sirva de referência para a administração municipal, por exemplo. Os limites são indefinidos e se estabelecem pelas ações e pelas relações entre as pessoas e destas com o local; portanto, os limites são fluidos, transformando-se ao longo do tempo.

Essa interpretação manteve-se, em grande medida, no estudo dos bairros urbanos. A concentração populacional e de edificações e as dinâmicas cotidianas características do espaço urbano, entretanto, fortaleceram os debates sobre o que é bairro.

O bairro passou a ser compreendido como um espaço intraurbano, fortemente associado ao conceito geográfico de lugar, isto é, o espaço caracterizado pela experiência individual e coletiva. É no bairro que as pessoas vivenciam seu cotidiano, construindo a identidade dessa parcela do espaço. O texto a seguir exemplifica como isso acontece.

“[O bairro pode ser entendido] como o espaço imediato da vida, das relações cotidianas mais finas – as relações de vizinhança, o ir às compras, o caminhar, o encontro dos conhecidos, o jogo de bola, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros, e aparentemente sem sentido, que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante, habitante-lugar. São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida – onde se locomove, trabalha, passeia, **flana**, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso.”

CARLOS, Ana Fani A. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 21.

Flanar: andar sem rumo definido, perambular.

Desse modo, o bairro também é constituído por formas espaciais apropriadas ou criadas pelos seres humanos por meio do uso. Para compreender um bairro, portanto, é preciso avaliar tais formas: rios, morros, ruas e prédios, equipamentos de saúde e lazer, infraestrutura de transporte, redes de comunicação etc., objetos cuja origem é natural ou histórica.

Dito de outra maneira, os bairros podem ser definidos por aspectos peculiares de sua topografia, de manifestações materiais de suas atividades econômicas ou culturais, do uso de seus espaços, de sua arquitetura e construções. Considerando esses aspectos, como é o bairro da escola onde você estuda?

Os objetos e construções de um bairro cumprem funções e têm características correspondentes à maneira como a sociedade produz e se organiza. Nas grandes cidades brasileiras, por exemplo, é notável a presença de desigualdades nos bairros. Além disso, na escala urbana, a diferença entre bairros distintos pode revelar profunda segregação espacial.

A desigualdade social e a correspondente segregação espacial são fontes de tensões e conflitos que afetam as relações interpessoais nos bairros. A presença de moradores em situação de rua, por exemplo, pode instigar ações de solidariedade ou de repulsa em um bairro.

Além disso, as necessidades dos moradores de um bairro podem instigar a atuação política e as ações conjuntas de busca por solução de um problema. Você conhece alguma iniciativa dos moradores de um bairro que buscavam a solução para um problema?

O protagonismo político em um bairro pode ser mais simples do que se imagina. O simples relato de nossas experiências no lugar é um ato político, pois dessa maneira participamos da construção de um discurso e de uma representação espacial com base na visão de quem está no bairro, conhecendo de modo íntimo as demandas locais.

Informações sobre concentração de renda e desigualdade social no Brasil extraídas de: HESSEL, Rosana; PINHEIRO, Gabriel. Concentração de renda aumenta no país, aponta estudo do IBGE. *Correio Braziliense*, 17 out. 2019. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/10/17/internas_economia,798352/concentracao-da-renda-aumenta-no-pais-aponta-estudo-do-ibge.shtml>. Acesso em: 27 dez. 2019.

Vista aérea da comunidade do Cantagalo e do bairro de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Foto de 2017. Apesar das melhorias em alguns índices sociais nas últimas décadas, o Brasil ainda é um país com desigualdade social e concentração de renda. Segundo o IBGE, a desigualdade social alcançou o maior patamar em 2018. Cerca de 30% da população brasileira vive com menos de um salário mínimo.



LAZYLAMA/ALAMY/FOTOARENA

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

- **Mídia representa pessoas em situação de rua de forma negativa**, de Larissa Fernandes. *Jornal da USP*, 29 jan. 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/midia-representa-pessoas-em-situacao-de-rua-de-forma-negativa/>>. Acesso em: 9 dez. 2019. A reportagem promove uma abordagem pluralizada do tema. Combinando dados e uma perspectiva situada, com depoimentos e vozes locais, o jornal acadêmico traz à tona uma realidade geralmente ignorada.

O bairro e sua representação midiática

Na relação entre sociedade e mídia, as representações veiculadas nos meios de comunicação afetam e influenciam valores, assim como ditam padrões de comportamento e consumo para a população.

Nessa dinâmica, os meios de comunicação são usados para persuadir as pessoas, criando uma relação entre comércio, consumo e produção cultural que resulta naquilo que pode ser entendido como cultura de massa. A cultura de massa é seletiva em relação ao que deve ser prestigiado ou ao que deve ser apagado, preterido e desprezado pela sociedade consumidora, contemplando, assim, os interesses de alguns grupos dominantes.

O modo como um bairro é representado na mídia também pode transformá-lo em um local de prestígio ou influenciá-lo negativamente, acarretando-lhe preconceito e invisibilidade, o que contribui para beneficiar ou prejudicar os segmentos sociais que nele vivem. A representação midiática tem, portanto, importante papel na sociedade atual, sendo fundamental a representação dos interesses dos mais variados grupos sociais, incluindo o espaço em que esses grupos se manifestam.

Por isso, pode-se dizer que as representações midiáticas afetam a imagem que os indivíduos têm de si mesmos e a impressão que os membros da sociedade têm sobre eles. Além disso, elas podem silenciar problemas sociais ao não divulgá-los. Assim, para que se construa uma sociedade justa, democrática e inclusiva, convém explorar a pluralidade de pontos de vista, evidenciando a diversidade socioespacial.

As mídias (jornais, rádios, televisão e internet, entre outras) têm um papel importante na construção de imagens sobre indivíduos, grupos e espaços; afinal, reportagens, notícias, fotos e outros registros revelam pontos de vista sobre uma cidade, um bairro ou uma vizinhança que podem se tornar parte da identidade dos moradores.

Um bairro em que há frequentes episódios de violência, tráfico de drogas e elevados índices de criminalidade, por exemplo, pode ser estigmatizado pela notoriedade negativa divulgada nas mídias. Isso não afeta apenas a identidade do bairro, mas também a de seus moradores, pois o estigma do local pode ser atribuído a eles.

“O bairro é o lugar do encontro, mas é nele também que eclode a violência e é na sua fisionomia que se expressa a realidade caracterizadora daqueles que o habitam – bairro pobre, bairro rico ou bairro nobre. Às vezes, o fato de se habitar um determinado bairro é suficiente para identificar o cidadão, atribuindo-lhe características as mais diferentes e que se confundem com aquelas também atribuídas ao próprio bairro: sujo, violento, perigoso, rico, de classe média, ou limpo.

O discurso tende a homogeneizar, positiva ou negativamente, uma relação que é muito mais complexa, quando observamos os contrastes que caracterizam os bairros de uma cidade. Essa maneira de pensar já está arraigada entre as pessoas e tem surtido efeito a ponto de ser possível observar essa diferença social que se revela na visão que se tem do bairro, embora a aparência por si só não revele toda a realidade vivida pelos moradores.”

SILVA, Vicente de Paulo da. O bairro na pequena cidade: para além da identidade, o conflito. *Geo UERJ*, n. 28, p. 31-32, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/16483/16428>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

De acordo com o texto da página anterior, a identidade de um bairro e a maneira como sua história é registrada e representada nas mídias repercutem sobre seus habitantes. Assim como podem influenciar e afetar negativamente a imagem e a vida dos habitantes de um bairro, as mídias também podem valorizar e influenciar o local de modo positivo, elevando a autoestima da população e a sensação de pertencimento.

Você percebeu como a representação midiática afeta a impressão popular sobre os espaços urbanos, construindo percepções positivas ou negativas a respeito de bairros e comunidades?



ILUSTRAÇÕES: MARCUS PENNA

É preciso refletir sobre o modo como os diferentes grupos sociais são representados pela mídia, buscando evitar generalizações que podem estigmatizar grupos heterogêneos.

Qual é a cara do bairro da escola?

Pense no bairro onde você mora. Considerando o que estudou até aqui, busque, em sua memória, algumas características marcantes que possam identificar e definir esse bairro. Que imagens vêm a sua mente?

Em seguida, faça o mesmo exercício em relação ao bairro da escola, se não for o mesmo no qual você mora. Como você definiria esse bairro? Como o representaria? E os moradores do bairro da escola, como eles o percebem? Todos têm a mesma percepção? E como eles descreveriam o bairro? Será que os moradores se sentem representados pelo bairro?

A resposta para todas essas perguntas depende de alguns fatores. Um deles é o fato de que cada morador é um observador com características individuais, conhecimentos, preferências e referências culturais diferentes. Outro fator é que cada morador, como observador, vive ou experiencia o bairro de uma forma própria, peculiar. Logo, a imagem que cada um tem do bairro depende da relação entre esses fatores. No entanto, os moradores/observadores que têm características e experiências semelhantes tendem a formar imagens ou representações semelhantes do bairro.

Como você pode perceber, o bairro é único e, ao mesmo tempo, diverso. Representar esses aspectos nas mídias considerando as expressões juvenis existentes nele é o desafio proposto.

EXPLORE

Registre no caderno.

1. Explique o que é um bairro e diferencie bairro rural de urbano.
2. Por que na análise de um bairro é importante avaliar as formas espaciais? Cite um exemplo.
3. Que consequências a desigualdade social e a segregação espacial podem trazer à vida cotidiana em um bairro?
4. Você já leu, viu ou ouviu nos meios de comunicação notícias sobre o bairro onde mora? Se já, descreva algumas delas. Se não, em sua opinião, como seria uma menção a seu bairro na mídia?
5. Explique de que maneira as representações citadas na atividade anterior afetam sua percepção sobre o bairro.

FECHAMENTO DA ETAPA

Registre no caderno.

Agora, você e seus colegas vão investigar o entorno da escola e o modo como as pessoas que moram no bairro o reconhecem. Vocês vão sair a campo para conhecer a área e realizar entrevistas. Mas, antes disso, em sala de aula e com a ajuda do professor, preparem o trabalho de campo de acordo com os procedimentos a seguir.

1. Coletivamente, organizem um roteiro de entrevista contendo as perguntas que devem ser feitas para verificar a percepção das pessoas sobre os aspectos positivos e negativos do bairro. Formulem perguntas precisas, simples e claras, que levem à caracterização do bairro pela ótica dos entrevistados.
2. Decidam quantas entrevistas devem ser feitas e providenciem cópias do roteiro para todos, na quantidade necessária. Quanto mais entrevistados, mais pontos de vista diferentes.
3. Organizem-se em grupos com pelo menos três integrantes. Todos os grupos deverão fazer as mesmas perguntas aos entrevistados.
4. Acessem uma plataforma on-line ou serviço de GPS que permita verificar o mapa do entorno da escola, delimitem a área em que as entrevistas serão feitas de acordo com a quantidade total de alunos da turma e dividam essa área de modo que cada grupo fique com uma parte.
5. Avaliem o tempo necessário para o trabalho de campo e organizem, com o professor, um cronograma com as datas e os horários das saídas.
6. Providenciem os materiais de que vão precisar: canetas, lápis, papel, gravador de voz e/ou vídeo, câmera fotográfica etc.
7. Em campo, primeiramente, registrem a percepção que vocês têm do entorno da escola. Para isso, andem nos limites da parte que coube ao grupo, explorando-a. Registrem, em fotografias e por escrito, tudo o que considerarem relevante dessa parte do bairro.
8. Em seguida, entrevistem as pessoas e registrem a percepção delas sobre o bairro. Com a permissão dos entrevistados, vocês podem gravar áudios ou vídeos para registrar a entrevista, ou utilizar caneta e papel para anotar as respostas. Se possível, fotografem os locais relatados, associando-os à fala do entrevistado.

CONHECER PARA INTERVIR

Na etapa anterior, você viu que os espaços – o bairro, por exemplo – apresentam uma identidade e que as mídias criam representações seletivas desses espaços. Nesta etapa, vai compreender melhor o que é protagonismo e saber como as mídias refletem ações de protagonismo e cidadania. Depois, vai conferir alguns exemplos de jovens protagonistas.

Nesta etapa, você vai

- Compreender o conceito de protagonismo, reconhecendo sua importância como manifestação cidadã individual ou de uma coletividade.
- Saber em que consiste ser protagonista juvenil e conhecer exemplos de protagonismo.
- Organizar as informações pesquisadas, identificar demandas locais no bairro da escola, buscar e avaliar soluções.

Ser protagonista juvenil

Como você estudou no início deste projeto, protagonista é o indivíduo que assume um papel proativo na comunidade em que está inserido, transformando sua realidade. Ser protagonista é tomar a frente da própria história e da história do lugar onde se vive.

Você pode exercer protagonismo em sua escola, no clube ou na comunidade da qual faz parte tomando consciência de que sua participação autônoma, ativa e responsável pode gerar ações transformadoras da realidade. Além de utilizar seus conhecimentos para interagir e resolver demandas da comunidade, ao tomar essa atitude, você pode desenvolver o autoconhecimento, o pensamento crítico, a colaboração, a empatia e o engajamento. Tudo isso vai contribuir para a construção de sua identidade pessoal e social.

Você percebeu que, como protagonista, está no centro do processo? Saiba que você não estará sozinho; seus colegas o ajudarão e, juntos, irão atuar como protagonistas da vida comunitária.

Comunicação de massa × comunicação comunitária

Na etapa anterior, vimos que a representação comunicada pela mídia influencia a vida das pessoas e a imagem que elas têm de determinados lugares. A comunicação de massa se refere à difusão de informações em contexto nacional e global. Essa forma de transmitir informações não se orienta pelas especificidades dos diversos grupos que compõem a sociedade, mas por uma estrutura-padrão que atinge a todos indistintamente. Para isso, é adotado um mecanismo que unifica interesses e gostos com base nas ideias, nas condutas e nos valores defendidos por grupos poderosos da sociedade. Essas ideias, condutas e valores formam uma ideologia.

Os grandes grupos midiáticos que concentram o poder de divulgação das informações são responsáveis pelo funcionamento desse mecanismo. Os grandes jornais, as grandes revistas, as emissoras de televisão, as rádios e os estúdios de cinema ditam a qualidade da informação que deve circular maciçamente. Com a internet, foi possível quebrar a **hegemonia** das grandes corporações, pois por meio dela qualquer pessoa pode produzir e divulgar informações, algumas das quais viralizam, isto é, são reproduzidas de maneira acelerada.

Hegemonia: predominância, supremacia sobre os demais.

Sobre a comunicação de massa, explica o filósofo francês Claude Lefort:

“O rádio, a televisão, o cinema, os jornais e as revistas de divulgação tornam visíveis sistemas de representação que seriam impossíveis sem eles. Com efeito, para que a ideologia possa ganhar generalidade suficiente para homogeneizar a sociedade no seu todo é preciso que a mídia cumpra seu papel de veicular a informação não de um polo particular a outro polo particular, mas de um foco central circunscrito que se dirige ao todo indeterminado da sociedade. Com os debates públicos virando espetáculos e discutindo tudo: economia, política, arte concreta, sexo, educação, música *pop*, arte clássica e contemporânea, do gênero mais nobre ao trivial, cria-se a imagem de uma reciprocidade entre emissor e receptor, que deve aparecer como reciprocidade verdadeira e definida nas relações sociais”.

LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 320.

Para Lefort, a mídia, em escala global e nacional, transmite de modo massificado a ideologia dominante, como se esta brotasse espontaneamente da sociedade. Por isso, os conteúdos ideológicos são camuflados em discursos anônimos e impessoais.

É possível, porém, produzir uma forma de comunicação que preserve as singularidades e não uniformize posturas e interesses. Uma rádio ou um jornal comunitário, por exemplo, manifestam os interesses e as demandas das comunidades onde se inserem, tornando-se meios de expressão locais. Além disso, são capazes de promover o protagonismo de seus representantes.

Além da rádio e do jornal, constituem formas de comunicação comunitária o alto-falante, a bicicleta ou o carro de som, as mídias digitais, como *blogs* e *sites* alternativos, canais comunitários na televisão a cabo e fanzines, como o que você e seus colegas vão produzir neste projeto.

Antes de produzir o fanzine, entretanto, você vai compreender, por meio de alguns exemplos, como as mídias podem ser utilizadas como ferramentas de representatividade e expressão de uma coletividade.

Marilyn, lado direito, pintura de Andy Warhol, 1964. Andy Warhol adotava procedimentos da comunicação de massa, como a reprodução seriada – ao modo de jornais e revistas – da imagem de ícones do cinema e da televisão.



Jovens comunicadores de Santarém

Estudantes da Escola Estadual Madre Imaculada, localizada em Santarém, no Pará, aceitaram o desafio proposto pelos professores de história, redação e língua portuguesa: utilizar o rádio como meio de comunicação interna da escola.

Durante oito meses, alunos do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, com o apoio dos professores e em parceria com o Centro Universitário da Amazônia (Unama), buscaram equipamentos e verbas para transformar uma das salas de aula da escola em estúdio e participaram de oficinas com uma profissional da área, concretizando o projeto de implantação da rádio na escola. O caminho não foi fácil, mas eles conseguiram colocar a rádio *Fala, galera!* no ar.

A programação e a locução são de responsabilidade dos alunos. A rádio vai ao ar nos três turnos da escola, sempre nos quinze minutos que precedem o início das aulas e durante os quinze minutos de intervalo.

Entre uma música e outra, a rádio transmite informações e avisos da comunidade escolar e dá orientações e dicas sobre diversos assuntos, até sobre o conteúdo disciplinar que está sendo estudado.

De acordo com Joelma Viana, professora do curso de Comunicação Social da Unama, foi visível a melhora dos estudantes em vários aspectos: na fala, na escrita, na desenvoltura ao falar em público e no desempenho em sala de aula. Além disso, o projeto foi inclusivo: entre os participantes há um aluno autista e outro com deficiência visual.

A execução desse projeto contribuiu para que os alunos deixassem de ser coadjuvantes e passassem a ser os atores principais na construção de seu saber. Também é importante destacar o fato de que a rádio é uma mídia utilizada como meio de representatividade da comunidade em que eles vivem.

Dar voz à comunidade é uma forma de protagonismo

Agora, você vai conhecer a história de Rene Silva e de seu jornal *Voz da Comunidade*.

“[...] Um dos exemplos mais emblemáticos das mudanças propiciadas pelo avanço da comunicação digital comunitária no Brasil é o jornal *Voz da Comunidade*. O impresso foi fundado em 2005 pelo estudante Rene Silva, então com 11 anos, como meio de debater problemas de sua escola, localizada no bairro de Higienópolis, próximo ao Complexo de Favelas do Alemão, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A iniciativa conquistou projeção nacional em novembro de 2010, durante a ocupação da comunidade por forças de segurança, quando a equipe, composta principalmente por adolescentes, narrou ao vivo o que acontecia nas ruas da comunidade por meio do serviço de *microblogging*. Impossibilitados de entrar na localidade para registrar a ação, órgãos de imprensa cederam espaço a essas novas vozes. Desde então, o jornal expandiu sua presença *on-line* e tornou-se o *Voz das Comunidades*, autoproclamado ‘maior portal de notícias das favelas do Brasil’, atendendo também outras comunidades no Rio de Janeiro e inspirando iniciativas semelhantes em outros estados.

Hoje, o *Voz da Comunidade* conta com uma equipe fixa de 10 pessoas, entre profissionais remunerados e voluntários, e uma tiragem mensal de 10 mil exemplares gratuitos [...]. O portal atualmente possui cerca de 1 milhão de visitantes diários, sendo que de acordo com uma enquête informal no próprio *site*, 51% dos que acessam são moradores do Complexo do Alemão. [...]

[...] O que o motivou, conta [Rene Silva], foi ‘ao abrir um jornal de grande circulação na cidade [do Rio de Janeiro] e não encontrar sequer uma notícia sobre as favelas. Percebi que precisava e podia fazer alguma coisa para mudar essa história e a comunidade começar a se ver num jornal também’ [...].”

WALTZ, Igor. As vozes do *Voz das Comunidades*: considerações sobre polifonia e dialogismo no discurso da imprensa comunitária. *Fronteiras – estudos midiáticos*, v. 19, n. 2, p. 222-225, maio-ago. 2017. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.192.07>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Texto elaborado com base em: CAMPOS, Gustavo. “Fala, galera!”: estudantes da Escola Madre Imaculada estreiam programação de rádio. *G1*, 14 dez. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2018/12/14/fala-galera-estudantes-da-escola-madre-imaculada-estreiam-programacao-de-radio.ghtml>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Microblogging: blog com postagem curta, com poucos recursos e opções de interface.

Ao dar visibilidade a sua comunidade, por meio de uma mídia comunitária, Rene Silva exerceu protagonismo juvenil. Além de informar, as mídias comunitárias podem dar voz aos moradores, mobilizando-os a identificar os problemas da comunidade e a implementar ações concretas que viabilizem a transformação da realidade local.

Agora, você e seus colegas vão começar a produzir o fanzine, interagindo com o público leitor, isto é, com a comunidade, representando-a e transformando-a socialmente.

EXPLORE

Registre no caderno.

1. Observe a ilustração abaixo e faça o que se pede.



Ilustração representando um diálogo entre professora e alunos em sala de aula.

- a) Na ilustração, uma das falas da aluna é: “Queremos participar das decisões aqui da escola!”. Por que essa fala expressa a vontade dos alunos em exercer protagonismo na escola?
 - b) A postura da professora contribui para o protagonismo dos alunos? Por quê?
 - c) Continue os diálogos entre os alunos e a professora, de forma que a conclusão seja favorável ao efetivo protagonismo dos alunos.
2. Explique a afirmativa: “A rádio é uma mídia utilizada como meio de representatividade da comunidade escolar”.
 3. Explique por que, por meio do jornal *Voz da Comunidade*, Rene Silva exerceu protagonismo juvenil.

OUTRAS FONTES

• **A importância da comunicação comunitária: Rene Silva.** Produção: Canal Ted Talks, 2018. Duração: 18 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0RY7ZxGqchA>>. Acesso em: 10 dez. 2019. Que tal conhecer mais um pouco sobre a história e as opiniões do jovem que está transformando a comunidade em que vive? Assista à palestra que Rene Silva apresentou ao Ted Talks!

4. Leia o texto abaixo e responda às questões.

“Hannah Arendt apontou a transmutação da cultura sob os imperativos da comunicação de massa, isto é, a transformação do trabalho cultural, das obras de pensamento e das obras de arte, dos atos cívicos e religiosos e das festas em entretenimento. Evidentemente, escreve ela, os seres humanos necessitam vitalmente do lazer e do entretenimento. Seja, como mostrou Marx, para que a força de trabalho aumente sua produtividade, graças ao descanso, seja, como mostram estudiosos marxistas, para que o controle social e a dominação se perpetuem por meio da alienação, seja, como assinala Arendt, porque o lazer e o entretenimento são exigências vitais do metabolismo humano.”

CHAUI, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 20.

- Por que a comunicação de massa favorece o controle social e a dominação?
- Como a comunicação comunitária pode ser uma alternativa a esse processo?

FECHAMENTO DA ETAPA

Registre no caderno.

Retomando as informações e os registros levantados no fechamento da etapa anterior, chegou a hora de organizá-los!

- Reúna-se com os colegas de grupo e organizem as informações a respeito da percepção de cada um sobre a área do bairro visitada. Separem as informações referentes aos aspectos positivos e aos aspectos negativos e utilizem organizadores gráficos, como esquemas ou tabelas, para agrupá-las.
- Repitam o mesmo procedimento para as informações levantadas por meio das entrevistas.
- Reúnam as informações de todos os grupos, formando um panorama dos aspectos positivos e dos aspectos negativos indicados pela turma e pelos moradores do bairro. Analisem esse panorama selecionando os três aspectos positivos e os três aspectos negativos mais citados.
- Guardem os resultados referentes aos três aspectos positivos mais citados e as respectivas imagens para compor o fanzine.
- Localizem os três aspectos negativos e representem os resultados da análise utilizando recursos visuais.
- Interpretem os dados sobre os três aspectos negativos, considerando-os problemas a ser solucionados. Para isso:
 - levantem as possíveis causas de cada um desses problemas;
 - voltem a campo, registrem cada um dos problemas por meio de fotos ou vídeos e identifiquem suas causas, confirmando ou não as hipóteses levantadas. Observem e registrem informações que possam auxiliá-los na elucidação das causas e, possivelmente, na proposta de soluções.

Perguntem aos moradores qual seria a solução para esses problemas. Não é necessário que os moradores sejam os mesmos entrevistados no fechamento da etapa 2. Vocês podem abordar os entrevistados de maneira direta, informando-os, rapidamente, de que o problema em questão é um dos três mais citados pelos moradores do bairro em entrevista anterior e, em seguida, questioná-los sobre a solução desse problema. Lembrem-se de que, nessa pesquisa, valem os mesmos procedimentos indicados nos itens 1 a 4 do fechamento da etapa anterior.

MÍDIA ALTERNATIVA E PROTAGONISMO

Nesta etapa, você conhecerá o fanzine, que pode contrapor-se aos veículos de comunicação de massa e, por meio do protagonismo de diferentes grupos, trazer uma perspectiva diferente sobre um assunto ou um lugar.

Nesta etapa, você vai

- Refletir sobre a mídia alternativa.
- Conhecer as características do fanzine, percebendo-o como expressão artística e instrumento de visibilidade social.
- Debater soluções para os principais problemas do bairro da escola.

Uma alternativa à mídia hegemônica

A mídia alternativa, composta de diferentes veículos de comunicação independentes, tem como característica contrapor-se à hegemonia da mídia tradicional, formada pelos grandes grupos de comunicação, como vimos na etapa anterior. Nas publicações alternativas, diversos grupos sociais, ao assumir o protagonismo de sua produção, apresentam assuntos, pontos de vista e informações que, muitas vezes, não são encontradas nos veículos de comunicação de massa.

O texto a seguir destaca alguns momentos da história do Brasil em que grupos excluídos ou marginalizados fizeram uso da mídia alternativa para se expressar e promover suas ações.

“Ao longo da história do Brasil, os meios de comunicação, para além do papel de reafirmar valores e ideias hegemônicas que marcaram a sociedade em diferentes épocas, também atuaram na criação de espaços de contestação. Neste sentido, vale considerar que a história da comunicação registra inúmeras contribuições de jornais e demais canais de expressão de militância operária, de oposição política, de movimentos sociais, enfim, de grupos excluídos e marginalizados que contaram com veículos para manifestar suas ideias e incentivar determinadas ações.

Embora esses registros em torno da história da mídia alternativa estejam dispersos, não se pode negar sua influência e atuação em diversos momentos históricos do país, especialmente em contextos de censura e repressão. Desde os pasquins que circulavam no Brasil colônia, os jornais operários do final do século XIX e a imprensa alternativa do período da ditadura militar, até o movimento de rádios e TVs comunitárias e as iniciativas recentes de uso da mídia (imprensa, rádio, TV e *on-line*) nos movimentos e grupos sociais, a comunicação alternativa sempre participou ativamente de diversas lutas e contribuiu para o fortalecimento dos espaços de resistência, em meio ao processo de construção da história.”

WOITOWICZ, Karina Janz (org.). *Recortes da mídia alternativa: histórias e memórias da comunicação no Brasil*. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. p. 287.

Você pode estar se perguntando: mas o que o fanzine tem a ver com isso? Tudo! O fanzine é um exemplo de mídia alternativa. De baixo custo, ele pode ser usado para veicular qualquer tema ou assunto de forma livre, expressando a subjetividade de seus autores e conferindo-lhes visibilidade social.

Primeira página do jornal anarquista *A Plebe*, publicado em 1917. Biblioteca da Unesp, São Paulo (SP). Por meio de jornais operários, os trabalhadores expunham a precariedade de suas condições de vida, divulgavam greves, manifestações e propunham ideias para transformar sua realidade.



O fanzine

A palavra *fanzine* vem da aglutinação das palavras inglesas *FANatic magaZINE*, que, em tradução para a língua portuguesa, significa “revista de fãs”.

Sendo publicações não profissionais, os fanzines integram a cultura *do make it yourself*, expressão inglesa que quer dizer “faça você mesmo”, e suas edições são menos estruturadas e mais livres do que as dos grandes jornais e revistas. Quando surgiram, os fanzines eram produzidos de forma artesanal. Atualmente, na era dos computadores e da internet, muitos são produzidos de forma digital, utilizando programas de edição de textos e de imagens, e são armazenados em *sites*, *blogs* e outras plataformas digitais.

Os fanzines não costumam ser vendidos em bancas de jornal ou livrarias, sendo, de modo geral, distribuídos gratuitamente ou vendidos diretamente pelos autores. Além disso, é comum que os fanzineiros, isto é, aqueles que produzem fanzines, se reúnam em feiras e eventos temáticos para divulgar e comercializar suas publicações.

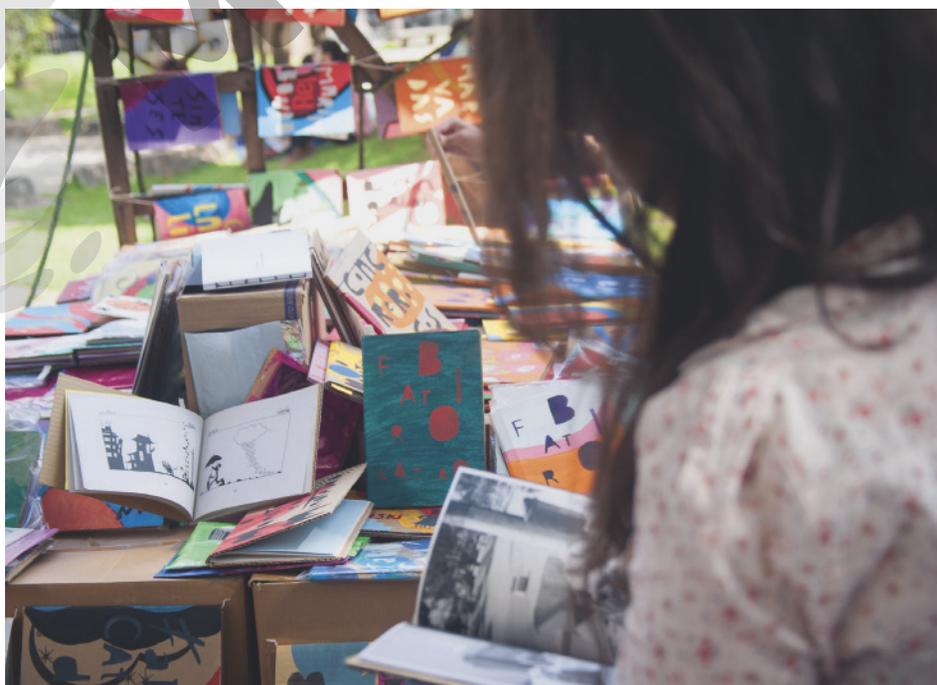
É possível encontrar fanzines de contestação social, literatura, cinema, política, música, saúde, cultura, natureza, esoterismo, culinária, cidades, bairros, profissões, *games* etc. Como se trata de publicações livres, todos esses temas podem ser expressos na forma de poemas, fotografias, ilustrações, crônicas, contos, cartuns, charges etc. Combinando diferentes tipos de texto e imagens, o fanzine configura-se como uma expressão artística e cultural.

A origem dos fanzines

Os primeiros fanzines foram publicados nos Estados Unidos, na década de 1930, por fãs de ficção científica que escreviam textos próprios sobre autores e obras desse tipo de literatura e os divulgavam em eventos, reuniões etc., fora da mídia convencional e comercial.

No Brasil, os primeiros fanzines, então denominados *boletins*, foram publicados na cidade de São Paulo, em 1965. Embora o nome *fanzine* tenha sido criado em 1941 pelo francês Russ Chauvenet, apenas na década de 1970 essa expressão começou a ser utilizada no país.

RAPHAEL PASCOAL/FOLHAPRESS



Visitante folheia livro na segunda edição da Feira Plana, bazar independente ocorrido no Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo (SP). Foto de 2014. A promoção de feiras de fanzine como essa contribui para atrair cada vez mais simpatizantes para esse tipo de mídia.

EXPEDIENTE

EDUCOMUNICAÇÃO
SÃO JOSÉ DOS PINHAIS (PR)

Os conteúdos deste fanzine foram produzidos por adolescentes participantes das oficinas de Educação no Centro da Juventude de São José dos Pinhais (PR) e do CRAS - Centro de Referência em Assistência Social (CRAS da Juventude), no segundo semestre de 2019.

Journalista Educacionador
Diego Henrique da Silva Alves

Projeto Gráfico e Diagramação
Diego Henrique da Silva Alves

Ilustrações | www.itepix.com

Agradecimentos
A equipe do Centro da Juventude de São José dos Pinhais (PR), em especial a pedagoga Rozana Aguiar da Silva e a educadora Eliete Maria Daggio. A equipe do CRAS da Juventude, em especial a coordenadora Sílvia Dias Malhada. A Secretaria Municipal de Assistência Social, ao coletivo Parafusos Educação e ao portal Universo Educom. Aos adolescentes e jovens.

Instagram | <https://www.instagram.com/educocomsp>
Facebook | <https://www.facebook.com/educocomsp>
Site | <http://www.observatoriodospinhaes.univervoblog.com.br>

Realização
CENTRO DA JUVENTUDE

Empresa Responsável:
OTTIMANN COLLEONE

Após:
PARAFUSOS educação comunicação
EDUCOM

ENQUETE

PODEMOS MELHORAR AINDA MAIS!

MORADORES DIZEM O QUE HA DE BOM E O QUE QUEREM VER DE MELHORIA NA REGIÃO DO BAIRRO IPE

TEXTO: Felipe Hakim e Gustavo Sabino Rodrigues | FOTOS: Diego Silva Alves

Clique na página ao lado, qual foi a sua reação ao ler as opiniões das pessoas que conversaram com a nossa equipe na manhã do dia 22 de julho de 2019?

O estudante do 8º ano do Colégio Estadual Ipê, Gabriel Rocha, de 14 anos, falou que o bairro Ipê não tem só mortes e roubos e comentários que tem várias coisas boas como as praças públicas e o Inter Núcleo do Jardim Alegria (que é uma escolinha gratuita de futebol). Disse que poderia melhorar o bairro com o asfaltamento e limpeza de rua.

O senhor Vital Alves do Nascimento, de 77 anos, é cadavante pois teve 2 derrames cerebrais. Ele falou que gostaria de mais médicos (es) nos postos públicos e que arrumassem o asfalto das ruas e as calçadas, pois teria menor dificuldade de se locomover.

O auxiliar de mecânica Gilstei Augusto de Oliveira, de 28 anos, falou que ele gosta muito do bairro Ipê, porque é muito fácil se achar nas ruas, fazer também que o atendimento da Subprefeitura local e do CRAS da Juventude (o Centro de Referência em Assistência Social instalado na comunidade) é muito bom e que a vizinhança "é muito gente boa". Explicou que, depois que colocaram as placas com os nomes das ruas, ficadas nos postes do bairro, ficou ainda mais fácil de se achar.

A auxiliar de limpeza Silvana de Mello, de 31 anos, disse que gostaria de mais mercados por que aumentaria a concorrência e os preços tenderiam a baixar. Silvana tem uma filha de 9 anos que se chama Vanessa de Amorim. Também comentou que gostaria de mais creches para os pais poderem trabalhar.

TÓPICOS DE INTERESSE DO BAIRRO PARA FAZER AS ENTREVISTAS, A PARTIR DE SUAS OBSERVAÇÕES E INFORMAÇÕES DO CRAS DA JUVENTUDE FORAM DESEJADOS AS SEGUINTE:

Páginas do e-zine *Conexão Ipê*, produzido por adolescentes participantes das oficinas de Educação do Centro da Juventude e do Centro de Referência em Assistência Social de São José dos Pinhais (PR), em 2019. Por meio desse e-zine, os adolescentes conseguiram dar visibilidade às necessidades de seu bairro, com base na perspectiva dos moradores.

Visibilidade social

Como pode contribuir para a divulgação de conteúdos que não são abordados pelas mídias comerciais e dominantes, o fanzine, muitas vezes, é utilizado por minorias e grupos periféricos como estratégia de resistência.

O texto a seguir trata da visibilidade e da expressividade, por meio do fanzine, de visões e atores sociais não contemplados pela mídia comercial ou excluídos dela.

“Da revolução do mimeógrafo à atualidade dos computadores, algumas mídias são utilizadas com intuito de divulgar aspirações e pontos de vista de indivíduos e grupos sociais que se querem fazer presente. O fanzine é uma das mídias que, no decorrer dos anos, em razão do baixo custo e pela acessibilidade, no sentido de que qualquer pessoa pode fazê-lo, tem sido escolhida como instrumento de propagação de ideias e potencializadora de grupos que querem garantir espaço participante na sociedade.

Como artefato de expressão de uma linguagem, o fanzine soa como um porta-voz de movimentos que se querem fazer presentes na sociedade, dando visibilidade à margem em que habitam, produzindo um incômodo, uma pequena turbulência que tem potencial de se multiplicar.

[...]

Os fanzines [...] são mídias que defendem pontos de vista de indivíduos e grupos sociais que têm suas vozes excluídas do discurso oficial da mídia comercial. Estas publicações independentes são criadas a partir de uma vontade de tornar público aquilo que realmente os afeta; assim, com intuito de veicular ideias que esboçam opiniões e, principalmente, formas de se fazerem pulsantes na sociedade, tornam-se instrumento de amadurecimento para tradução do real vivido. [...]

NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. Fanzines: reflexões acerca do uso de mídia independente na perspectiva de potencialização de ideias. *Extraprensa*, v. 3, n. 3, p. 606, 2010.

Por meio do fanzine, você e seus colegas poderão dar visibilidade a questões locais que talvez sejam ignoradas pela imprensa do município em que vivem. Além disso, terão a oportunidade de realizar uma produção artístico-cultural, exercitando sua autonomia e expressando sua criatividade.

OUTRAS FONTES

- **Fanzinada**. Disponível em: <<http://fanzinada.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 dez. 2019. Nesse *blog*, é divulgada e incentivada a cultura dos fanzines e de outras manifestações artísticas independentes, em suas diversas expressões.

EXPLORE

Registre no caderno.

1. Qual é a principal característica da mídia alternativa?
2. Explique o que é o fanzine e cite suas principais características.
3. Observe a tirinha. Em seguida, faça o que se pede.



Tira de Laerte, 2006.

© LAERTE

- a) Explique o efeito de humor produzido pela tirinha.
 - b) Você acha que a tirinha pode ser associada a alguma característica do fanzine estudada ao longo dessa etapa? Justifique.
4. O texto a seguir aborda a produção de fanzineiros da cidade de Manaus, no Amazonas. Leia-o para responder às questões.

“Os fanzineiros [...] expressam suas visões individuais mesmo quando criam uma versão de uma lenda indígena ou quando transformam em quadrinhos as histórias de um amigo. Nessas práticas, os fanzineiros conseguem uma expressão inteiramente própria, nem sempre parecida com as do mundo onde vivemos, ou com a cidade de Manaus. Essas expressões revelam, *a priori*, os próprios artistas com suas visões de mundo, a partir do que trazem à realidade através de seus fanzines. [...] Os fanzines [...] representam expressões diretas da articulação pessoal do vasto montante de informações e estímulos, acumulados e ‘sofridos’ no interior das cidades.”

PINHO, Jefferson Queiroz de. Uma leitura da *performance* na cidade de Manaus – Amazonas. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. p. 98-99.

- a) É possível afirmar, com base no texto, que a subjetividade é importante na produção dos fanzines? Explique.
 - b) Como o texto caracteriza os fanzines?
5. Releia o texto da página 65. Em seguida, explique o trecho: “Os fanzines [...] são mídias que defendem pontos de vista de indivíduos e grupos sociais que têm suas vozes excluídas do discurso oficial da mídia comercial”.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

FECHAMENTO DA ETAPA

Registre no caderno.

Nas etapas anteriores, você e seus colegas discutiram questões sobre a juventude e levantaram informações sobre as formas de expressão dos diferentes grupos juvenis da comunidade de vocês; pesquisaram, registraram e organizaram informações sobre o entorno da escola (seus aspectos positivos e negativos); buscaram propostas de soluções para os problemas. Agora, vocês vão refletir sobre essas propostas e eleger as que considerarem viáveis para o grupo e adequadas à realidade local.

1. Recuperem os três problemas do bairro e as soluções propostas pelos moradores para resolvê-los.
2. Analisem essas propostas e organizem-nas,

agrupando aquelas que se assemelham.

3. Sintetizem as ideias semelhantes dos moradores e listem-nas na lousa.
4. Destaquem as que parecem possíveis de realizar.
5. Discutam essas propostas e elejam a melhor para cada problema, fazendo as adequações que julgarem necessárias para executá-las.
6. Registrem essas propostas para que elas possam ser apresentadas no fanzine.
7. Considerando que vocês estão assumindo o protagonismo na busca por soluções para os problemas do bairro, reflitam: de que maneira o fanzine pode ajudá-los nessa tarefa?

RETOMANDO AS ETAPAS

O projeto está quase chegando ao final. Que tal agora você e seus colegas retomarem o que fizeram até este momento? Essa revisão pode contribuir para que a publicação do fanzine se concretize como algo significativo tanto para vocês quanto para a comunidade.

Etapa 1

Na primeira etapa, você estudou alguns exemplos de movimentos protagonizados por jovens e entrou em contato com análises sociológicas sobre a juventude, concluindo que não existe uma juventude, e sim juventudes. Além disso, você e seus colegas fizeram um levantamento das diferentes formas de expressão da juventude na comunidade.

Etapa 2

Você estudou nessa etapa os significados de *bairro*, conhecendo autores que se dedicaram a interpretá-lo no contexto rural e no urbano. Viu que o bairro remete às interações entre pessoas e destas com a materialidade de um lugar. Nessas interações, desenvolvem-se a identidade das pessoas e a do bairro. As desigualdades e a diversidade constituintes de um bairro muitas vezes geram conflitos, os quais podem ser mediados por meio da busca de soluções para problemas comuns. Você também teve a oportunidade de refletir a respeito dos impactos das representações midiáticas do lugar e, por fim, com seus colegas, investigaram a percepção dos moradores do bairro da escola.

Etapa 3

Nessa etapa, você estudou o conceito de protagonismo e as noções de comunicação de massa e de comunicação comunitária. Por meio de exemplos de pessoas que exerceram protagonismo em suas comunidades, descobriu que as mídias podem ser utilizadas como ferramentas de representatividade e expressão de uma coletividade. Em grupo, você e seus colegas organizaram e analisaram o material coletado nas entrevistas realizadas na etapa anterior e levantaram hipóteses para as causas dos principais problemas mencionados, tentando, posteriormente, confirmá-las em campo.

Etapa 4

Você refletiu nessa etapa sobre a mídia alternativa e conheceu as características do fanzine, percebendo-o como expressão artística e instrumento de visibilidade social. Além disso, você e seus colegas conversaram sobre soluções para os principais problemas do bairro.

Que tal rever as discussões e os materiais selecionados até aqui? Conversem com o professor, verifiquem se as ideias propostas são realmente factíveis, se as informações são suficientes e se as imagens são adequadas e promovam os ajustes necessários para iniciar a produção do fanzine.

Armandinho,
tira de
Alexandre Beck,
2019. Chegou
o momento de
vocês criarem
o fanzine e
contribuírem
para
transformar
um aspecto
do bairro onde
vivem.

VOCÊ SEMPRE
VAI OUVIR QUE
"NÃO ADIANTA!"



GERALMENTE DE PESSOAS
QUE NUNCA TENTARAM!



QUANDO FOR
ASSIM, NÃO
LIGA!

NADA INCOMODA
MAIS QUEM NÃO
FAZ NADA...

...DO QUE ALGUÉM
QUE TENTA FAZER
ALGUMA COISA!



Fanzine

O fanzine pode ser feito de forma artesanal ou digital. Na forma artesanal, as páginas que o constituem geralmente são manuscritas e ilustradas com desenhos, recortes e colagens. Já na forma digital, as páginas do *e-zine* são compostas com a utilização de programas de edição gráfica. Em ambas as formas, o fanzine pode ser impresso e distribuído aos leitores. Na forma digital ele também pode ser acessado pela internet. Neste projeto, vamos conhecer melhor o processo artesanal.

Um fanzine pode ser produzido individual ou coletivamente. Depois de escolhido o tema do fanzine, é preciso escolher o formato e a quantidade de páginas que ele terá. Feito isso, dobra-se a folha de papel de acordo com o formato e a quantidade de páginas escolhidos. Em seguida, as páginas são numeradas.

Depois, o conteúdo propriamente dito – ou seja, os textos e as imagens – é distribuído pelas páginas, compondo-as. Os textos podem ser manuscritos ou digitados e impressos, mesmo na forma artesanal, pois, nesse caso, depois de impressos, são recortados e colados na página do fanzine. O mesmo acontece com as imagens, que podem ser desenhadas ou recortadas de materiais impressos, como jornais, revistas ou fotografias. A combinação de textos e imagens também vale na composição da capa do fanzine.

Finalizada a composição, é só tirar cópias e distribuir o material. Você percebeu que com materiais básicos como papel, lápis, canetinhas, tesoura e cola é possível produzir um fanzine?

Agora chegou o momento de confeccionar o fanzine de vocês. O tutorial demonstrará como fazê-lo artesanalmente, mas vocês podem confeccioná-lo digitalmente se preferirem. Vamos lá?



Ilustração representando o processo criativo de produção de um fanzine, nesse caso, de forma artesanal.

Objetivo

Produzir um fanzine sobre o bairro onde a escola em que vocês estudam está localizada, mostrando aspectos positivos e negativos e propostas para a solução de alguns problemas. Como opção, vocês podem produzir um *e-zine*.

Procedimentos

- **Escolha do formato e da quantidade de páginas:** vocês vão decidir o formato e a quantidade de páginas do fanzine.

Para isso, considerem o tamanho do papel (folhas de papel sulfite A4) e a quantidade de informações e de imagens que serão utilizadas na composição do fanzine. Considerem, também, o tamanho que as imagens devem ter para garantir sua legibilidade. Fotos pequenas, por exemplo, podem esconder detalhes importantes. Por isso, sugerimos que o fanzine tenha o formato de meia folha de papel sulfite.

Desse modo, dobrando a folha ao meio, pela borda mais curta, uma folha de papel sulfite corresponderá a quatro páginas do fanzine (figura A), duas folhas corresponderão a oito páginas, três folhas, a doze páginas e assim por diante. Com o professor, avaliem a quantidade de material disponível e definam o número de páginas do fanzine. Adiante, ao planejá-las, vocês poderão ajustar esse número.

- **Planejamento do fanzine página a página:** na lousa, façam um esquema representando as páginas e as numerem (figura B). Um aluno ficará responsável pela anotação na lousa e outro deverá copiar o esquema no caderno.

A página 1 será a capa e a página 2 será destinada aos créditos, isto é, à indicação de todos os autores e responsáveis pela elaboração do fanzine.

As demais páginas devem apresentar o resultado do trabalho da turma ao longo das etapas do projeto. Discutam a ordem de entrada dos assuntos no fanzine e os distribuam nas páginas, anotando no esquema.

- **Preparação de textos e imagens:** formem pequenos grupos e distribuam os assuntos do fanzine, de acordo com o planejamento página a página. Cada grupo será responsável por um assunto. Se algum assunto tiver muito conteúdo, dividam-no em dois grupos.

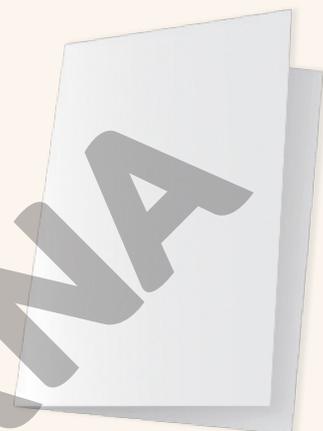


Figura A.

SUMKIN/SHUTTERSTOCK

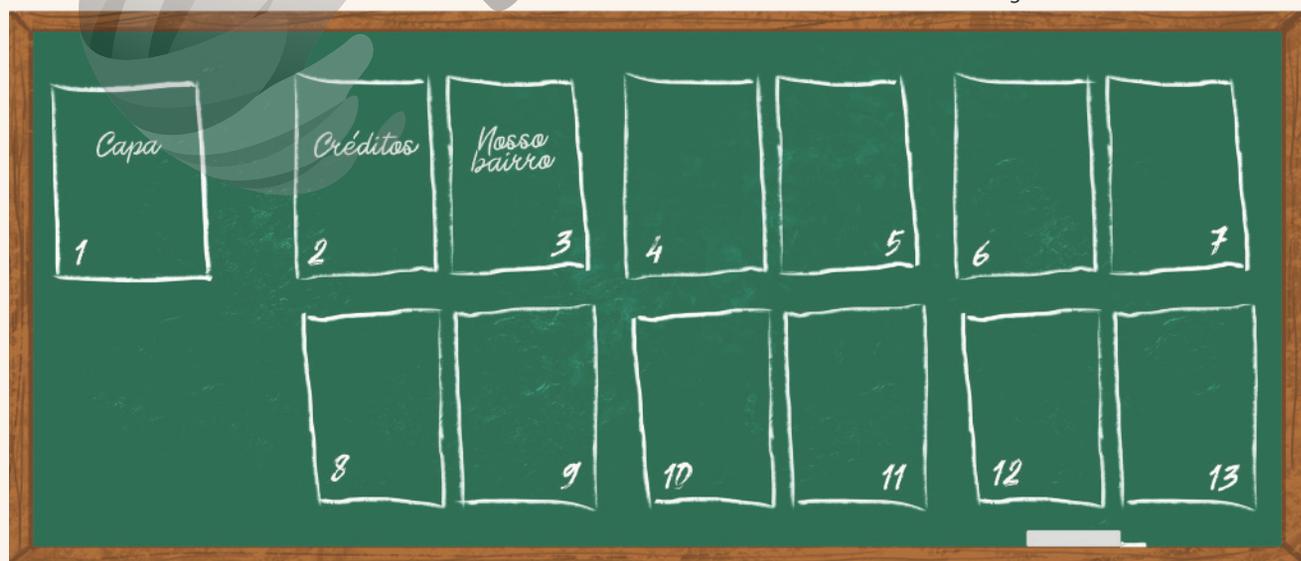


Figura B.

BRUNO ROSAL

- **Distribuição do material feito anteriormente:** o material produzido nas etapas anteriores deve ser distribuído de acordo com o assunto designado a cada grupo. Por exemplo: o grupo responsável pela preparação do material sobre um dos três aspectos positivos mais citados pelos moradores deve resgatar as entrevistas nas quais esse aspecto foi mencionado e, com base nelas e em pesquisas na internet e em jornais e revistas impressos, redigir um texto apresentando esse aspecto e justificando sua positividade. O mesmo pode ser feito em relação aos aspectos negativos. Nesse caso, porém, é preciso apresentar as propostas discutidas na etapa 3 para solucioná-los ou minimizá-los. Não se esqueçam de contemplar as formas de expressão juvenis existentes na comunidade. Isso pode ser feito na identidade visual do fanzine ou ser tratado em uma parte dele.

Os textos e imagens devem estar no tamanho certo para ser colados nas páginas do fanzine. Façam os acertos e correções necessários nos textos e, se for preciso, elaborem outros. Lembrem-se de dar títulos aos textos e indicar a autoria, ou seja, o nome dos autores de cada um. Avaliem as imagens que já têm e escolham aquelas que julgarem mais representativas. Se necessário, tirem novas fotos, garantindo imagens exclusivas. Se isso não for possível, pesquem imagens na internet.

- **Confeção das páginas do fanzine:** é hora de colar os textos e as imagens de cada assunto nas folhas de papel sulfite e compor cada página do fanzine. Lembrem-se de que a ordem dos assuntos deve ser aquela que vocês estabeleceram no planejamento.

Antes de começar as colagens, porém, é preciso entender a maneira como as folhas serão organizadas na montagem do fanzine. Vocês já sabem que, usando uma folha de papel sulfite, é possível compor quatro páginas do fanzine em formato de meia folha, certo? Portanto, para montar um fanzine de dezesseis páginas, serão necessárias quatro folhas de papel sulfite.

O fanzine será reproduzido prioritariamente em fotocopiadora. Para facilitar esse processo, mantenham as folhas de papel sulfite inteiras, sem cortá-las para separar as páginas, pois, ao reproduzir a frente e o verso das folhas, bastará dobrá-las ao meio para obter quatro páginas. Para isso, é preciso saber a parte da folha que corresponderá a cada página. Veja as ilustrações ao lado, que representam a frente e o verso de uma folha de papel sulfite aberta.



Lembrem-se do esquema das páginas do fanzine, em que vocês distribuíram os assuntos? Ele mostra o que cada página do fanzine vai abordar, mas não a posição de cada página na folha de papel sulfite. É por isso que é preciso prestar muita atenção ao colar os textos e as imagens de cada página na parte certa da folha.

Lembrem-se de que as páginas 1 e 2 do fanzine correspondem à capa e aos créditos. Deixem para compô-las por último. Atendem para o fato de que, se um grupo for responsável pelos assuntos que serão abordados nas páginas 3 a 7, o grupo responsável pelas páginas 8 a 12 vai precisar da folha que está com o primeiro grupo. Por isso, separem a quantidade de folhas necessária para confeccionar o fanzine. Em seguida, dobrem cada folha ao meio (unindo as bordas curtas) para formar um vinco que servirá para delimitar cada página e anotem nas folhas a sequência de páginas. Lembrem-se: só utilizem as folhas que forem numeradas e organizem-se na hora de compartilhá-las.

Agora vocês já podem iniciar as colagens e compor as páginas. Usem a criatividade!

Ilustrações da frente e do verso de uma folha de papel sulfite, com as respectivas páginas. A primeira ilustração mostra a frente da folha, que corresponde às páginas 4 e 1. Já a segunda mostra o verso, com as páginas 2 e 3.

- **Composição da capa e da página de créditos:** definam como será a capa do fanzine. Discutam quais e como serão os elementos da capa: título do fanzine, frases de destaque para chamar a atenção do leitor, imagens e outros elementos gráficos. Sejam criativos e garantam que todos os envolvidos se sintam contemplados.

Vocês já sabem que a página de créditos corresponde à lista de todos os autores e responsáveis pela elaboração do fanzine. Além dos nomes das pessoas, indiquem a natureza da participação delas, por exemplo, elaboração de textos, ilustrações, revisão, coordenação etc. Nessa página também haverá a apresentação do fanzine em um breve texto.

- **Montagem do fanzine:** é hora de montar o fanzine, mas, antes, é preciso tirar cópias das folhas (frente e verso). Elas serão a matriz do fanzine que vocês produziram. Assim, quando quiserem reproduzi-lo, basta tirar cópia dessas folhas.

Antes de imprimir a quantidade de cópias desejada, testem fazendo apenas uma cópia de cada folha. Dobrem todas as folhas ao meio, organizando-as de acordo com a sequência numérica das páginas. Depois de conferir se está tudo em ordem, é só grampear as folhas. Deu tudo certo? Então, repitam esse procedimento com as demais cópias e distribuam os fanzines aos leitores.

Essa foi só a primeira edição! Que tal partir para a segunda?

Plano B

Além da produção analógica, uma opção é vocês produzirem a versão digital do fanzine, o *e-zine*. Na internet vocês podem facilmente encontrar dicas para a produção do *e-zine* (inclusive vídeos tutoriais).

Muitas das informações disponibilizadas para a produção do fanzine nessa seção se aplicam à produção do *e-zine*, e o tema – o bairro – continua sendo o mesmo!

A produção do *e-zine* pode ser uma opção interessante para este projeto, pois aumenta de forma significativa o alcance do material produzido por vocês em comparação com sua versão artesanal, pois um *e-zine* pode ser visto por um número maior de pessoas. Além disso, nada impede que vocês imprimam o *e-zine* e o distribuam para a comunidade.

APRESENTAÇÃO

É hora de divulgar o resultado do projeto: uma representação do bairro da escola pela ótica da comunidade, que deve ser compartilhada com todos, inclusive as autoridades públicas.

1. Parte dos fanzines deve ser distribuída internamente, na escola. Vocês podem entregar os fanzines no portão de entrada da escola, por exemplo, ou colocá-los em um lugar acessível e visível a todos, para que cada um pegue seu exemplar. Nesse caso, próximo ao local, coloquem um cartaz sobre a publicação, incentivando a leitura. Antes de distribuir o material, peçam autorização à direção da escola.
2. A outra parte dos fanzines deve ser distribuída para os moradores. Discutam a melhor estratégia para isso: distribuí-los de porta em porta ou disponibilizá-los em alguns pontos comerciais, por exemplo. Nesse caso, peçam autorização para os lojistas antes de deixar o material no local.
3. Com a autorização da direção da escola, enviem alguns exemplares do fanzine para a prefeitura e para a Câmara de Vereadores. Anexem uma cartinha apresentando brevemente o material.

Autoavaliação

Chegou o momento de avaliar sua participação em cada uma das etapas do projeto. Reflita sobre sua trajetória e responda às questões a seguir.

Depois, analise suas respostas. Retome conceitos não aprendidos e discuta com o professor maneiras de aprimorar os pontos nos quais você assinalou as opções “mais ou menos” ou “não”.

ETAPA 1	Sim	Mais ou menos	Não
Refleti sobre o conceito de juventude e percebi sua relação com a adolescência?			
Conheci exemplos de protagonismo juvenil ao longo da história?			
Compreendi como a juventude é entendida pelas ciências sociais?			
Ajudei a identificar formas de expressão da juventude na escola?			
Percebi a existência de diferentes grupos de jovens na escola e em outros locais da comunidade?			
Participei das atividades, construindo argumentos para expressar meus pontos de vista e respeitando a fala dos colegas?			
ETAPA 2	Sim	Mais ou menos	Não
Compreendi o que é um bairro?			
Consegui diferenciar um bairro rural de um bairro urbano?			
Refleti sobre as interações sociais que ocorrem no bairro da escola?			
Pensei a respeito do modo como esse bairro é representado na mídia?			
Percorri o entorno da escola e refleti sobre minhas percepções sobre o bairro?			
Investiguei o modo como os moradores do bairro o reconhecem?			
ETAPA 3	Sim	Mais ou menos	Não
Entendi o conceito de protagonismo e sua importância como manifestação da cidadania?			
Conheci exemplos de protagonismo juvenil em diferentes comunidades?			
Consegui diferenciar comunicação de massa de comunicação comunitária?			
Organizei informações e contribuí para a montagem de um panorama geral sobre os aspectos positivos e negativos do bairro da escola?			
Interpretei informações sobre os aspectos negativos do bairro e levantei hipóteses sobre as causas desses problemas?			
Investiguei a opinião dos moradores sobre possíveis soluções para esses problemas?			
ETAPA 4	Sim	Mais ou menos	Não
Refleti sobre o papel da mídia alternativa?			
Compreendi as características do fanzine?			
Percebi que o fanzine pode ser utilizado como instrumento de visibilidade social?			
Relacionei a produção de um fanzine ao exercício do protagonismo juvenil?			

ETAPA 4	Sim	Mais ou menos	Não
Avaliei as propostas apresentadas pelos moradores para solucionar os principais problemas do bairro, considerando a viabilidade de sua execução?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apresentei meus pontos de vista e ouvi a opinião dos colegas de forma respeitosa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
PRODUZINDO	Sim	Mais ou menos	Não
Compreendi algumas técnicas utilizadas na forma de produção artesanal do fanzine?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participei do planejamento do material?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contribuí para a preparação dos textos ou para a seleção das imagens?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ajudei a confeccionar o material?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Acompanhei a montagem do fanzine?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Executei as tarefas com dedicação e comprometimento?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participei da divulgação do material produzido pela turma?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Avaliação do projeto

Além de avaliar seu desempenho, é importante avaliar o desenvolvimento do projeto e seus resultados. Reflita sobre as questões a seguir e registre suas respostas no caderno.

	Sim	Mais ou menos	Não
O projeto contribuiu para identificar formas de expressões juvenis presentes na comunidade e dar visibilidade a elas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As atividades realizadas colaboraram para que você e seus colegas percebessem a diversidade humana e se reconhecessem como parte dela?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Foi possível perceber aspectos positivos e negativos do bairro da escola e refletir sobre eles?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A turma se engajou na busca por soluções viáveis para os principais problemas do bairro da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Todos os alunos participaram ativamente da produção do fanzine ou do e-zine?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O projeto contribuiu para dar voz aos alunos e às demandas da comunidade?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os textos elaborados pela turma apresentaram argumentos construídos com base em fatos, dados e informações confiáveis?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O fanzine ou e-zine foi divulgado na escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Houve divulgação entre os moradores do bairro?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Foram enviados exemplares do fanzine às autoridades municipais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O resultado do trabalho atendeu às expectativas da turma?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Depois desse exercício avaliativo, que tal compartilhar suas opiniões com o professor e os colegas? Conversem sobre os aspectos positivos do projeto e sobre os pontos que acreditam que podem ser melhorados pela turma.